

Posseiros rurais resistem em deixar Parque do Guará

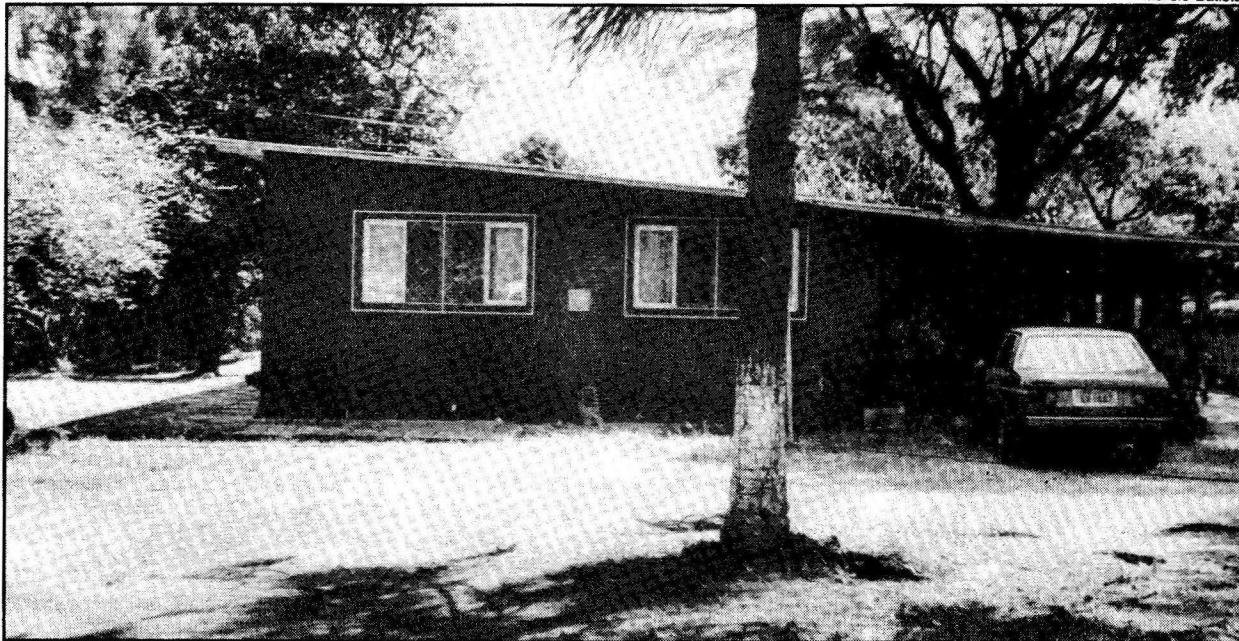
O Governo do Distrito Federal vai ter muito trabalho para fazer valer a lei que cria o Parque Ecológico do Guará. Espalhados pelos 430 hectares que compõem a reserva, os posseiros — muitos deles residindo na área desde a criação de Brasília — não estão dispostos a abandonar o local, “a não ser que a proposta do GDF seja a transferência de todos para um local tão bom quanto esse”. Nas chácaras que eles próprios demarcaram, no interior do Parque, são encontradas plantações das mais variadas e criações de animais — porcos, galinhas, além de viveiros de peixes.

Os chacareiros também têm as facilidades da cidade: luz elétrica, telefone e até piscinas. A Associação dos Chacareiros da Margem Esquerda do Córrego do Guará, instalados ao lado do ParkShopping e Carrefour, 64 sócios, que de acordo com o tesoureiro Manoel Alves, taxista, “ajudam a preservar a reserva ecológica”.

Ele se instalou no Parque há seis anos e “comprou” o direito de exploração da terra de outro posseiro. “Nossa reivindicação, que já foi comunicada ao governador Joaquim Roriz, é de fixação de todos os chacareiros. A Fundação Zoobotânica devia lotear e vender as terras para os posseiros”, afirma.

Sítio

Na margem direita do córrego do Guará, os problemas são semelhantes. Apesar de não haver ca-



Márcio Batista

Os posseiros do Parque moram em casas confortáveis, com telefone e energia elétrica

sas, muita gente resolveu tomar posse de um pedaço de terra e fazer um “sítio” no local. Plantações de bananeiras, com dezenas de árvores, de milho e mandioca são encontradas em toda a área. Há três anos, José Ribmar de Souza e Adauto Bezerra cuidam, durante os finais de semana, do terreno que escolheram. Os guardas florestais, que ontem não estavam na guarita de acesso ao Parque, cujos portões

permanecem abertos, permitem o cultivo às margens do córrego, segundo eles.

Muitos posseiros chegaram mesmo a abrir entradas privativas nas cercas que foram instaladas, há cerca de quatro meses, pelo GDF para demarcar a reserva. Outros ocupam os prédios de um acampamento da Terracap. “Eu já trabalhei na Terracap, mas como

tenho conhecimento na empresa continuei ocupando esta casa”, conta José Valdemir, com esperança de ganhar um lote de Roriz, “em qualquer lugar do DF”. Na área do acampamento, onde funcionava uma fábrica de calcário, existe até uma casa com piscina, guardada por cães. A maioria dos chacareiros tem uma reclamação comum: “Por que o Governo não veio-nos ver antes de decidir cercar o Parque?”.